

Tecnologías Digitales

variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

VARIAÇÃO ESTILÍSTICA, IDENTIDADE E HUMOR

Ana Cristina Carmelino

Universidade Federal do Espírito Santo - Brasil

acarmelino@uol.com.br

ÁREA TEMÁTICA: *Variación lingüística*

Resumo

Entender o uso da linguagem como prática social implica considerá-lo como um modo de ação historicamente situado, que é capaz de constituir identidades sociais, representações culturais. Essas representações podem ser apreendidas a partir do estilo do dizer do falante, um processo da elaboração de uma (ou mais) *persona(s)* social(is) que, ao atuar(em) linguisticamente, adota(m) formas comunicativas de comportamento social.

Partindo dessas considerações e dos pressupostos da Sociolinguística, este trabalho busca demonstrar como a variação estilística é capaz de revelar modos de ser do adolescente contemporâneo e construir efeito de sentido humorístico.

Para isso, tomam-se como objeto de análise as cartas de leitores publicadas na revista humorística *MAD*, em especial as das edições impressas no Brasil em 2010 e 2011. Criada nos EUA em 1952, essa revista, que sempre teve como público-alvo os jovens, ganhou sua primeira versão no Brasil em 1974.

Considerando que o estilo, no sentido estrito, determina o particular, a linguagem usada pelos adolescentes na revista *MAD* – coloquial, inusitada, repleta de gírias e termos chulos – permite compreender, junto com Coupland (2001), a variação estilística como uma modalidade de apresentação dinâmica do “eu” construído na/pela manipulação estratégica de fatores linguísticos e não linguísticos, bem como um recurso elaborativo e criativo, que pode apontar para uma vasta gama de sentidos sociais possíveis.

Palavras-chaves: Sociolinguística – variação - identidades sociais

LINGUAGEM E CONTEXTO: A RELAÇÃO ENTRE VARIAÇÃO ESTILÍSTICA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

Sabemos que linguagem e sociedade se ligam de modo indiscutível. É dessa relação que se ocupa a Sociolinguística, ciência que entende a língua não como uma entidade abstrata que independe de fatores sociais, mas sim como uma forma de interação social.

Identidades dinâmicas: variação e mudança no português da América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Desenvolvida por William Labov (1966) e inspirada no método sociológico, a Sociolinguística busca registrar, descrever e analisar sistematicamente diferentes falares, elegendo, desse modo, a variedade linguística como seu objeto de estudo.

Os tipos de variação, segundo os pressupostos labovianos, relacionam-se a fatores privilegiados na observação da natureza dinâmica da fala, quais sejam: (a) componentes internos ao próprio sistema analisado (fatores imanentes); (b) componentes geográficos, relacionados à questão espacial, como cidade, estado ou região (fatores inter-falantes); (c) componentes sociais dos falantes, como nível sócio-econômico, escolaridade, gênero, idade (fatores inter-falantes); ou (d) fatores de ordem individual (intra-falantes), também denominados de componentes estilísticos. Dentre esses tipos, embora a variação estilística tenha recebido menos destaque no paradigma variacionista – por estar atrelada a fatores como *prestígio* e *grau de atenção do falante à sua própria fala*, portanto, à posição do falante na hierarquia socioeconômica¹ – o estilo é um dos elementos fundamentais no estudo da variação e de mudanças linguísticas em progresso (LABOV, 1966).

A partir da pesquisa sobre a variação estilística na fala de cidadãos de Nova Iorque, Labov (1966) observa que os sujeitos utilizam-se, ao falarem, de um repertório próprio de variedades sociolinguísticas cuja organização e distribuição no espaço social são economicamente estratificadas. Esse fato leva o estudioso a propor um modelo analítico que evidencia o eixo linear formalidade *versus* informalidade, o qual é pensado em dois polos: de um lado o “padrão global”, que compreende a fala formal (cuidada, monitorada; quando há, portanto, maior atenção do sujeito à sua própria fala); e, de outro, “o estigma global”, que compreende a fala casual (natural, não monitorada; quando há menor atenção do sujeito à sua fala).

Seu estudo, que parte de generalizações dos usos linguísticos, concebe a variação estilística como o elo essencial entre o indivíduo e a comunidade de fala. Além disso, é a partir das noções de *prestígio e atenção à fala* que é formulado o conceito laboviano de vernáculo (fala natural, não monitorada) e que é pensada a entrevista laboviana, não só como método para coleta de dados, mas também como procedimento para extração de estilos dos informantes.

¹ Confira Rezende (2009, p. 120).

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Ao analisar o estilo de um locutor de rádio², Coupland (1985) rompe com a proposta laboviana, passando a considerar, na construção estilística, não o sujeito inserido em uma entrevista com fins metodológicos, mas o indivíduo em ação em uma dada situação natural. Conforme Rezende (2009, p. 122), para Coupland, “o estilo linguístico é produto e também processo da elaboração de uma (ou mais) persona(s) social(is) por parte deste sujeito que, ao atuar linguisticamente, na verdade adota formas comunicativas de comportamento social”.

Nesse sentido, na perspectiva de Coupland, a variação estilística consiste numa “modalidade de apresentação dinâmica do ‘eu’ consumada na/pela manipulação estratégica de fatores linguísticos e não linguísticos” (REZENDE, 2009, p. 122). Diferentemente do que propôs Labov (1966), a atenção à fala vai muito além de ser um processo que prioriza apenas o eixo prestígio *versus* estigma, atrelando o informante a uma categoria social pré-estabelecida; trata-se de um mecanismo elaborativo e criativo capaz de revelar uma série de sentidos sociais possíveis. De acordo com Coupland (2001, p. 186),

uma “estilística dialetal” mais amplamente concebida pode explorar o papel do estilo na projeção das identidades não raro complexas dos falantes e na definição de relações sociais e outras configurações de contexto. Essa é uma perspectiva que permite à sociolinguística engajar-se nas obras recentes interdisciplinares sobre individualidade, relações sociais e discurso³. – tradução provisória

Com base nos pressupostos teóricos da ciência da comunicação, Coupland considera como categorias fundamentais, para a construção da estilística, o espaço, o

² A base dos pressupostos teóricos de Coupland (1985), empiricamente falando, encontra-se no estudo que “faz da construção estilística de Frank Hennessy (locutor de rádio da cidade de Cardiff, de Gales), no qual observa que o modo como Hennessy opera alguns recursos fonológicos socialmente distribuídos na construção de um estilo constitui-se como processo no qual este sujeito constrói “*personas*” sociais: ora o rapaz querido por todos na comunidade; ora uma espécie de galês não tão autêntico, de humor afiado e perverso, mas nostálgico das ruas do cais do porto e dos *pubs* e sempre reverenciador das cervejas locais” (REZENDE, 2009, p. 123-124).

³ A more broadly conceived “dialect stylistics” can explore the role of style in the projecting speakers’ often-complex identities and in defining social relationships and other configurations of context. This is a perspective that allows sociolinguistics to engage with recent inter-disciplinary literatures on selfhood, social relationships, and discourse (COUPLAND, 2001, p. 186).

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

tempo e os contextos relacionais em que se insere o sujeito falante, alargando, desse modo, os horizontes da pesquisa sociolinguística. Como lembra Rezende (2009, p. 123), Coupland propõe uma teoria sociolinguística localista que compreende a “articulação entre variedade linguística, os propósitos comunicativos dos sujeitos, as práticas em que eles se inserem e seus efeitos de sentido nos contextos socioculturais onde surgem”.

Considerando o fato de que compreender a linguagem como prática social implica considerá-la um modo de ação historicamente situado, a variação estilística é capaz de construir identidades sociais, representações culturais. Segundo Coupland (2001), os sujeitos, por serem mais ou menos conscientes das formas linguísticas, selecionam-nas em cada situação com vistas a desvelar uma identidade pessoal ou social, de identificação com um dado grupo. Assim, na interação verbal, a produção do estilo, ou estilização linguística, constitui uma forma de comportamento linguístico, como podemos ver em:

Estilo, e em particular estilo dialetal, pode, portanto, ser construído como um caso especial de apresentação do eu no interior de contextos relacionais específicos – articulando objetivos relacionais e identitários (...) Estilo, enquanto manejo de *personas*, capta como os indivíduos, dentro e através das situações de fala, manipulam os sentidos sociais convencionalizados de variedades dialetais – o individual através do social⁴ (COUPLAND, 2001, p. 197, 198) – tradução provisória

Os estudos de Coupland revelam ainda que o estilo é um fenômeno mais amplo do que o observado por Labov (1966)⁵, tendo em vista que pode abranger nas análises as formas de endereçamento, de polidez ou de formalidade lexical.

Como bem coloca Rezende (2009), a proposta teórica couplandiana é inteligente e coerente. Ao centrar-se em uma sociolinguística interpretativa, o autor articula de forma íntima e profunda os conceitos de propósitos comunicativos, manejo de *personas* e estilo dialetal.

⁴ Style, and in particular dialect style, can therefore be construed as a special case of the presentation of self, within particular relational contexts – articulating relation goals and identity goals (...) Dialect style as persona management captures how individuals, within and across speaking situation, manipulate the conventionalized social meanings of dialect varieties – the individual through the social (COUPLAND, 2001, p. 197, 198).

⁵ A análise do estilo na perspectiva laboviana enfatiza a variação fonológica.

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

A partir do que se expôs sobre variação estilística, e da análise do *corpus* aqui considerado, convém salientar que a construção do estilo linguístico é resultado da adaptação da forma linguística específica do ato verbal às circunstâncias em que ele é produzido e aos propósitos comunicativos do falante. Desse modo, o processo compreende a escolha do registro do falante, que é influenciada pelo contexto, pelo tema, e especilamente pelo grau de intimidade que ele mantém com seus interlocutores.

A revista *MAD* e suas cartas de lettores: variação estilística, identidade e humor

Como as cartas de leitores analisadas neste trabalho constam da revista humorística *MAD*, de início, retomamos algumas considerações-chave tecidas sobre esse periódico em Carmelino (2011), a fim de contextualizar nosso objeto de análise, bem como mostrar a relevância e a dimensão que a *MAD* alcança na atualidade, uma vez que se tornou uma revista eletrônica, com vários seguidores no twitter⁶.

Criada em 1952, por Gaines⁷ (empresário) e Kurtzman⁸ (editor), a revista humorística norte-americana *MAD*, cujo propósito era veicular entre os adolescentes (seu público-alvo) histórias com a intenção de levá-los à loucura (*Tales calculated to drive you mad*), ficou conhecida por satirizar aspectos da cultura popular. Dentre as

⁶ Conforme pesquisa efetuada, constatamos que a *MAD* tem ganhado maior relevância entre seu público em função de ter se tornado uma revista eletrônica. Segundo indicadores do site (<http://www.revistamad.com.br>), acessado em 15/03/2012, a *MAD* conta com 36.327 seguidores no twitter (<http://twitter.com/revistamad>).

⁷ O americano Maxwell William "Bill" Gaines foi editor e co-editor EC Comics. Conhecido não só por ser o pioneiro em retratar horror, ficção científica e histórias em quadrinhos satíricas, mas também por supervisionar uma linha de histórias em quadrinhos com qualidade artística e interesse suficiente para atrair os adultos.

⁸ Harvey Kurtzman foi cartunista e editor de revistas norte-americanas. Ficou conhecido pela criação da revista *MAD* e de seu mascote, Alfred E. Neuman.

Identidades dinâmicas: variação e mudança no espanhol da América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

várias revistas produzidas pela EC Comics (Entertaining Comics)⁹ nessa mesma linha, atualmente a *MAD* é a única sobrevivente.

Segundo relato de Otacílio d'Assunção Barros (Ota)¹⁰, a *MAD* tem uma história bastante interessante. Em 1955, começou nos EUA uma perseguição aos gibis de terror da EC Comics, considerados *barra-pesada* demais por psicólogos, pedagogos e autoridades por incitarem a delinquência juvenil. A esse massacre, a única revista sobrevivente foi a *MAD*, porque alterou seu formato, ludibriando a censura: a partir do n. 24, transformou-se de um gibi de 32 páginas em cores a uma revista em formato maior, com mais páginas e em preto e branco. O resultado foi tão positivo que a nova versão do periódico passou a fazer mais sucesso que a anterior.

Com o passar do tempo, a *MAD* ganhou versões em dezenove países, entretanto, hoje, ela continua a ser publicada em apenas nove, a saber: Alemanha, Austrália, Estados Unidos, África do Sul, Brasil, México, Espanha, Finlândia e Hungria. No Brasil, a primeira publicação da *MAD* foi em 1974, por Otacílio d'Assunção Barros (Ota), mas a revista só obteve sucesso a partir do n. 16, quando houve a preocupação de se produzir material nacional, mesclando-o às traduções e adaptações. Ao longo de sua produção, a versão brasileira passou por quatro editoras. Ultimamente ela publicada pela Panine e editada por Raphael Fernandes.

Ao tratarmos da *MAD*, merecem destaque alguns elementos que lhe são característicos, quais sejam: a diversidade de gêneros que a compõe; a arte, tendo em vista que os exemplares são impecavelmente ilustrados; e o humor, que se apresenta ora tosco, ora agressivo, ora irreverente, ora inteligente.

A despeito da carta de leitor da *MAD*, verificamos que, ao manifestar seu ponto de vista sobre algo que leu, relatar uma experiência pessoal ou mesmo ao fazer seu auto-retrato e o de outros leitores a partir de uma construção estilística peculiar, o

⁹ A Entertaining Comics (EC Comics) foi uma editora americana de histórias em quadrinhos que manteve uma linha de produção que se identificava mais com os gêneros de ficção criminal, ficção de horror e sátira, ficção militar e ficção científica. Isso de 1940 a 1950, até que a censura a obrigou que deixasse grande parte dos títulos polêmicos e se concentrasse na revista semanal de humor e sátira chamada *MAD*.

¹⁰ Conhecido artisticamente como Ota, Otacílio d'Assunção Barros, formado em jornalismo, é cartunista e quadrista. Foi editor responsável pela revista *MAD* de 1974 a 2008.

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

jovem leitor e autor da *MAD* não só constrói identidades sociais, mas também produz humor. A título de ilustração, citemos uma carta na íntegra:

O melhor elogio que já recebemos

Nunca achei que tanto lixo pudesse ser publicado junto, vcs conseguiram ganhar da **merda da VEJA**. Pior do que vcs só esses **babacas** que mandam e-mail e correm babando pra ver se saíram da edição seguinte. Caiam na real *MAD*, esta **revista é um lixo**, suas piadas são ridículas e o papel é de dar nojo (me lembrou o papel higiênico rosa, primavera) não servem pra limpar **cu de puta**. Eu nunca mandei e-mail pra **porra de revista** nenhuma, mas vcs merecem seu **bando de bosta**.

Douglas Moreira Duarte, Rio Pequeno, SP.

(*MAD*, n. 22, jan./2010, p. 5) - grifos nossos

Em geral, as cartas de leitores da *MAD*, que são assinadas por jovens do sexo masculino e feminino, distribuem-se em quatro páginas da revista (da p. 4 a p. 7) e são compostas por título, saudação, corpo, despedida, assinatura seguida de e-mail e localidade, em alguns casos.

Os temas trazidos à tona pelos adolescentes variam entre:

a) sugestões, reclamações e elogios sobre a revista em si, sobre alguma de suas matérias ou seções, e sobre seus autores e ilustradores: "Oi nerds, quatro-olhos e outros... Eu tenho uma denúncia a fazer!!! Eu fico esperando um mês inteiro pra este papel higiênico de baixa qualidade chegar nas bancas e nunca chega aqui em manaus" (*MAD*, n. 27, jun./2010, p. 5); "Olá galera da mad! Valeu pela minha carta na mad 33! Esse cara chamado camaleão faz boas capas" (*MAD*, n. 35, fev./2011, p. 4).

b) comentários sobre autores de cartas de leitores: "Tbm queria resaltar a carta do MATHEUS BOSTIMA! Cara o Raphael pediua pa gente te chinga agora então FIO TU NUM COME MUIÉ, CURTE GAIZONAS BOSTA E AINDA POR CIMA ACHA QUE É ALGUÉM NA MAD VEIO" (*MAD*, n. 23, fev./2010, p. 4).

c) solicitações: "Oi, meu nome é Gabriel e tenho 11 anos! Eu quero que essa carta seja publicada, pra minha vida de nerd sem fama, melhore" (*MAD*, n. 33, dez./2010, p. 4).

Identities dinámicas: variação y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

d) relatos de experiências inusitadas vivenciadas pelos adolescentes autores das cartas: “Quero falar da minha experiência com queijo, Mad e sono” (*MAD*, n. 42, out./2011, p. 5); “Olá babacas da MAD, vim hoje para contar uma história que aconteceu quando fui comprar minha MAD 33” (*MAD*, n. 35, fev./2011, p. 5).

e) assuntos gerais: “O mundo é injusto mesmo com as ‘minorias’, por exemplo os gordos, as pessoas gostam de sacanear mesmo” (*MAD*, n. 38, mai./2011, p. 4).

Como o estilo do dizer, no sentido estrito, determina o particular e o social, desvendando o ser no mundo, a construção estilística dos jovens leitores e autores da *MAD* espelha o estilo da revista: a linguagem extremamente informal (com marcas da oralidade e do português não padrão), tosca, irreverente e ácida, instaurada mormente pela seleção dos recursos gramaticais, fraseológicos e lexicais, não só é capaz de constituir práticas identitárias, mas também de instaurar um efeito de humor característico, os quais podem ser ilustrados a partir do uso de¹¹:

a) **gírias**: “minha namorada descobriu que sou um leitor da mad e me deu um **pé na bunda**” (*MAD*, n. 43, out./2010, p. 4); “Olá amiguinhos dessa droga de terceira linha, **beleza rapha!**” (*MAD*, n. 39, jul./2011, p. 5); “só gordo que come **pô**, so porque ele come mais? **caraca mo** sacanagem até modelo de passarela peida” (*MAD*, n. 38, mai./2011, p. 4); “Para leitores nerd’s como eu **cai de pau** em vocês” (*MAD*, n. 43, dez./2011, p. 4); “acho que devo ser umas das poucas meninas que curtem zoação... as **minas locas** da minha escola são **mó** viciadas em comprar roupa e pintar a unha de rosa e essas porras ... mostrei a MAD **pra uma truta** e ela cagou de rir” (*MAD*, n. 22, jan./2010, p. 4).

b) **português não padrão**: “já vi muita gente **indo na** banca, vendo a MAD” (*MAD*, n. 39, jul./2011, p. 5); “espero que poucas pessoas **leia** isso, pois tenho uma

¹¹ Os destaques em negrito são nossos.

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

reputação a zelar" (*MAD*, n. 24, mar./2010, p. 4); "a maioria das pessoas que te mandam cartas te humilham e **vocêis** fazem o mesmo" (*MAD*, n. 28, jul./2011, p. 4);

"galerinha! **seis** me **fizero ri** bastante o que mais me **espanto** foi a parte que tem **as carta** saAcolé? aquela em que o Raphael Noel Fernandes **faiz** seu editorial" (*MAD*, n.

23, fev./2010, p. 4); "nunca tinha **escrevido** para vocês antes" (*MAD*, n. 40, jul./2011, p. 4).

c) **adjetivos pejorativos** e **termos chulos**: "A empresa onde eu trabalhava me demitiu após saber que o nome de um de seus funcionários estava nessa **joça**" (*MAD*, n. 43, out/2010, p. 4); "como se não bastasse ouvir Justin **Caralhobieber**" (*MAD*, n. 28, jul./2010, p. 5); Gostaria de dizer que sou estudante de psicologia e a grande maioria aqui parece ainda estar passando pela **Fase Anal**, segundo **Sujismundo Fraude**" (*MAD*, n. 33, dez./2010, p. 5); "A campanha # anti – Matheus Batima # não foi para frente por quê? Era tão bom ler vc descendo o pau (uiiii) no **ramelão, filho de um pchutha, espinhento de mão cabeluda, teta empedrada**, etc..." (*MAD*, n. 24, mar./2010, p. 4); "Elias Silveira, continue com as capas **fuderosas**. Eu puxo o saco mas não dói" (*MAD*, n. 33, dez./2010, p. 4).

d) **formas de saudação e de se dirigir ao interlocutor**: "Olá bando de maluco e cretino que escreve essa revista lixo" (*MAD*, n. 37, abr./2011, p. 4); "Olá escrotos leitores e editores dessa bosta de revista" (*MAD*, n. 29, ago./2010, p. 4); "E ae Panacas!!!" (*MAD*, n. 24, mar./2010, p. 4); "Olá babacas da MAD" (*MAD*, n. 34, jan./2011, p. 4); "Olá fedorentos!!!" (*MAD*, n. 24, mar./2010, p. 4); "Olá Raphael Costeleta do Fat Mike Fernandes! Olá também para todos babacas, virgens, viciados, matheuses, FDPS, cretinos, pobres, espíritos de porco leitores da escrota, fedida, imbecil, ridícula, feia: Revista MAD!" (*MAD*, n. 28, jul./2010, p. 4).

Levando-se em conta que, para Coupland (2001), a variação estilística é um fenômeno amplo, que compreende as formas de endereçamento, de polidez ou de

Identidades dinâmicas: variação e mudança no espanhol da América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

formalidade lexical, os exemplos citados evidenciam o ultracoloquialismo das cartas de leitores da *MAD*, a partir do uso de uma língua despojada de qualquer de norma. As regras de polidez do jovem se formatam de modo a buscar uma identificação: desprezam-se as diferenças individuais e fala-se em nome dos outros. Nesse espaço, o adolescente pode tudo: escrachar a língua, o gênero discursivo, qualquer acontecimento, outro leitor, o editor, e se auto-escrachar. Vemos, a partir das escolhas, que os jovens são influenciados pela contemporaneidade, que desmonta velhas identidades sociais. Os valores se alteram em função dos próprios costumes. Fixa o apagamento de um adolescente ingênuo, distinto, retraído, respeitoso. Ressalta-se a construção de um jovem contrário às regras de polidez, descompromissado com a forma da língua, mordaz e bem-humorado.

Considerando-se que o estilo dialetal, para Coupland (2001), é uma forma discursiva de ação social (comportamento social motivado) e que nem sempre os sujeitos falam com suas próprias vozes (*in própria persona*), os jovens autores leitores da *MAD*, ao construírem um estilo, reelaboram a linguagem de terceiros (do editor, de outros autores leitores, e da própria revista) em busca de performances, falando *in altera persona*. Um dado que pode corroborar tais considerações são os fragmentos de editoriais da revista transcritos abaixo:

Muitas pessoas continuam comprando a *MAD* apenas por nostalgia, como é o caso do **seu pai**, que comprou essa joça pra você pensando que ainda é aquela “maravilha” de antes. (...) Resumindo, entre os leitores dessa porcaria tem **babaca** de tudo quanto é jeito. (Editorial, *MAD*, n. 29, ago/2010, p. 4) - grifos nossos

Fala **cambada, de lazarento**, tenho uma novidade pra contar pra vocês! Não, não recebi aumento, não peguei a Geisy no fim de semana (Editorial, *MAD*, n. 25, abr/2010, p. 4) - grifos nossos

Desse modo, a natureza da revista permite e exige o escracho. O autor das cartas assume a leitura de uma revista “escrota” que, por característica, exige a linguagem chula, bem-humorada, sem educação. É, portanto, a réplica arguta, a capacidade humana de ironizar, que consolida a identidade do adolescente na *MAD*. O jovem revela-se instigador, posiciona-se nitidamente contra o discurso dominante.

Do exposto, observamos que a variação estilística passa a uma construção do discurso condicionada aos interesses mútuos dos integrantes da atividade discursiva,

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

de modo que, nas cartas de leitores da MAD, os jovens constroem *personas* de si a partir das escolhas linguísticas valorizadas também por seus interlocutores. O leitor adolescente é capaz de caracterizar seu interlocutor, por isso sabe com quem conversa e adapta o vocabulário e a sintaxe a esse pretense interlocutor. Nesse sentido, o humor oculta a análise, de certa forma “adulta”, que o jovem, nada babaca, faz da revista.

É importante salientarmos, ainda, que o adolescente contemporâneo, construído enfática e explicitamente como babaca, nerd, idiota e burro no discurso humorístico das cartas de leitores da MAD, traduz-se, na realidade, em seu contrário. A identidade do jovem contemporâneo depreendida no fio discursivo, a partir do estilo do dizer e de formas comunicativas de comportamento social, é de um jovem bem-humorado, crítico, mordaz, inteligente, “antenado”, contrário às regras de polidez, descompromissado com a forma da língua, mas intensamente retórico na adaptação de seu estilo e registro em função da circunstância na qual interage. Assim, o babaca não é babaca. Faz-se de babaca, para construir uma identidade juvenil, mas crítica e bem-humorada.

Assim, ao analisarmos as cartas de leitores da MAD, evidenciamos a manipulação estratégica de fatores linguísticos, a qual constitui um recurso elaborativo e criativo na construção de possíveis sentidos sociais. A variedade estilística usada pelos jovens na MAD remete ao controvertido campo da moral das palavras, e nos leva a refletir sobre a obscenidade na linguagem. Ser vulgar é suscitar humor, é ser integrado, é delimitar as fronteiras entre a juventude e a maturidade.

Se para Coupland (2001), o estilo linguístico é um fenômeno situado, um processo multidimensional de “manejo de *personas*” em que objetivos relacionais e identitários estão relacionados à manipulação criativa de recursos linguísticos e não linguísticos, por parte dos sujeitos sociais, a construção estilística dos autores das cartas aqui analisadas cria uma identidade social entre os jovens da revista MAD.

Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Considerações finais

Neste texto, partindo dos pressupostos de Coupland (2001) sobre variação estilística, bem como da análise de cartas de leitores da revista humorística *MAD* (edições impressas de 2010 e 2011), verificamos que compreender o estilo do dizer e as formas comunicativas de comportamento social significa não só entender a forma de ser da linguagem, mas também que as escolhas linguísticas sempre assinalam a construção de certo(s) sentido(s), revelando representações do ser mundo, identidades sociais.

Nesse sentido, o processo de estilização do jovem contemporâneo, observado em contexto comunicativo específico, gera efeitos específicos: ao manipular recursos linguísticos para construir-se como babaca e nerd, o adolescente revela-se bem-humorado, mordaz e crítico.

Referências

BEZERRA, M. A. Por que cartas de leitor na sala de aula? In: DIONISIO, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 208-216.

CARMELINO, A. C. O estilo no editorial da revista humorística *MAD*: representação da cultura popular brasileira. In SIGET, 2011.

Disponível em:

[http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Ana%20Cristina%20Carmelino%20\(UFES\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Ana%20Cristina%20Carmelino%20(UFES).pdf)

CECILIO, S. R.; RITTER, L. C. B. Leitura e análise linguística: carta do leitor na Revista Ciência Hoje das Crianças. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais. Maringá, 2009, p. 2059-2069.

COSTA, S. D. da. *Cartas de leitores*: gênero discursivo porta-voz de queixa, crítica e denúncia no jornal *O Dia*. In: Solettras – Revista do Departamento de Letras da UERJ –

Identities dynamics: variation and change in the Spanish of America

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

n 10, 2005, p.28-41. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/10/03.htm>>. Acesso em 13 abril 2007.

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

COUPLAND, N. Hark, Hark the Lark: Social motivations for phonological style-shifting. *Language and Communication* 5 (3): 153-171, 1985.

_____. Language, situation, and the relational self: theorizing dialect-style in sociolinguistics. In: EKCERT, P.; RICKFORD, J. (Eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

LABOV, W. *The social stratification of english in New York city*. CAL: Washington, 1966.

MAD. São Paulo, Panine, 2010, n. 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33.

_____. São Paulo, Panine, 2011, n. 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43.

PAIVA, V. L. M. O. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucena, 2004, p. 68-90.

REZENDE, R. C. Estilo sociolinguístico como recurso de construção de *Personas* sociais: um exercício de análise do conto "começo", de Rubem Fonseca. In *Via Litterae*, Anápolis, v. 1, n. 1, p. 119-137, jul./dez. 2009. ISSN 2176-6800. Disponível em www.unucseh.ueg.br/vialitterae. Acesso em 29/02/2012.